

A ATUALIDADE DAS IDÉIAS PEDAGÓGICAS SOBRE A JUVENTUDE ROMANA NA COMÉDIA ADELFOS DE TERÊNCIO

Marilda Corrêa Ciribelli*

Abstract

The aim of this article is to show how the Roman theater is an indispensable source for the knowledge about Roman society and education. This article was based on the comedy from Terentius, Adelpheo, where the comedian ponders and questions the education of the youth, show in the originality and modernity of his pedagogical ideas.

Keywords: Roman theater; Education; Terentius; Adelpheo

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar como o teatro romano é fonte indispensável para o conhecimento da sociedade e da educação romanas. Este artigo baseou-se na comédia de Terêncio, Os Irmãos, na qual o comediógrafo reflete e questiona a educação da juventude, revelando a originalidade e a atualidade de suas idéias pedagógicas.

Palavras-chave: Teatro romano; Educação; Terêncio; Os Irmãos.

Introdução

Um dos aspectos que vêm sendo menos estudado pelos historiadores que se dedicam aos Estudos Clássicos é o da educação na Antiguidade Greco-Romana e sua influência nas idéias pedagógicas no Ocidente Europeu e no Brasil. Podemos mesmo afirmar que poucos são os textos históricos que abordam a temática. Quando existem, tratam o tema de maneira superficial. A Sofística é um bom exemplo de nossa assertiva. Os sofistas são vistos

* Professora titular de História Antiga da UFRJ.

e, por sinal, criticados por seus contemporâneos, como Platão. Seu importante papel de educador é esquecido. Estamos escrevendo um artigo sobre a importância de **Protágoras** e **Górgias** para o desenvolvimento da Pedagogia Ocidental.

Voltando às fontes sobre a educação em Roma, observamos que os pesquisadores limitam sua visão a textos de educadores romanos como Catão, Varrão, Cícero, Quintiliano, entre outros. Esquecem que outras fontes literárias, como, por exemplo, a poesia e o teatro de Horácio, Virgílio, Ovídio, Juvenal, Plauto e Terêncio, poetas e teatrólogos, são fundamentais para o conhecimento das idéias pedagógicas da atualidade.

O teatro é fonte indispensável para o conhecimento da sociedade e da educação doméstica romanas, razão pela qual elegemos como objeto deste artigo a comédia de Terêncio: **Os Irmãos**. Terêncio nesta peça questiona a educação romana no que se refere à juventude e assim apresenta as idéias pedagógicas do século I a.C. que iriam ter influências no Ocidente Europeu e no Brasil.

O teatro greco-romano é uma excelente fonte de pesquisa porque nele tudo é visto por todos os ângulos, tudo está explícito e se reveste de sinais exteriores de visibilidade (o pensamento dos autores das peças está sempre voltado para o exterior porque o teatro reproduz o espaço da cidade). É importante ainda lembrar que os romanos, como os gregos, assistiam às peças não apenas como espectadores, mas, sobretudo, como cidadãos. A educação na Antiguidade Romana não pode ser esquecida pela historiografia contemporânea. Na Renascença Européia (séculos XV e XVI), os modelos clássicos (greco-romanos) foram retomados quando se pretendeu reviver a tradição interrompida a partir do século XII, quando a Cristandade Ocidental elaborou métodos pedagógicos bem diferentes daqueles (Escolástica).

Os Humanistas dos séculos XV e XVI (Dante, Boccaccio, Petrarca) passaram, ao contrário dos medievais, a considerar tanto os acontecimentos políticos quanto os científicos e históricos do ponto de vista da ação voluntária dos homens – da ação humana (procuraram ressuscitar o culto das línguas e da literatura greco-romana). No domínio ético há um esforço para superar o teocentrismo, enfatizando os valores humanos terrenos, a busca pela individualidade (o poder de cada um de encontrar seu caminho), o espírito de liberdade e a crítica contra a autoridade (autoritarismo). Erasmo,

Rabelais, Montaigne e principalmente J. C. Vives, com o seu **Tratado de Ensino**, são representantes de um segundo momento deste movimento.

O século XVIII também reflete a influência da tradição clássica (ou Neoclassicismo) no Brasil. No campo literário, basta lembrarmos o Arcadismo.

No século XX, o pensamento pedagógico Escolanovista (Escola Nova de Dewey) e o Construtivismo de Piaget e Pós-Piagetano de Wallon, Emilia Ferreira e Vygotsky revelam um novo humanismo pela ênfase que trazem à leitura e à escrita e a necessidade de explicar o aprender.

O Humanismo Romano, o Humanismo de Terêncio, vinha da *Humanitas*. Esta significava o ato de tornar o homem mais humano, mais útil aos outros, mais simpáticos, como afirmava Cícero no **Pro Roscio**, mais afável com seu semelhante, mais solidário, mais cordial, mais culto (cultura aqui no sentido aproximado da *Paidéia* Grega).

A palavra educação vem de *educare* (igual a criar); para os romanos, significava ensinar a escolher, portanto, levar os jovens a assumir as consequências de suas decisões. Significava também a construção do homem, do ser humano no seu dever. Seu sentido era de escutar com atenção o outro e respeitá-lo em sua individualidade.

Terêncio, ao procurar questionar a educação romana em uma época de crise, o fez de forma humana, reflexiva, interiorizada ao ambiente de comédia (*palliata*). Preocupou-se em confrontar duas formas de educar a juventude, inseridas no ambiente familiar de sua peça **Os Irmãos**, que traduz suas idéias pedagógicas.

Para melhor compreendermos as idéias pedagógicas do comediógrafo, é necessário, porém, contextualizar seu pensamento, analisando alguns de seus traços biográficos.

Traços biográficos

Públio Terêncio Afro nasceu em Cartago e foi escravo do senador Terêncio Lucano, que o levou para Roma, onde foi educado como um homem livre.

Segundo Suetônio Caio Tranquilo, seu biógrafo, foi libertado e recebeu uma educação refinada (SUETÔNIO DE POETIS. *Apud* ROSTAGNI, p. 28). Suetônio pouco nos esclarece sobre a vida de Terêncio. Donato, em *Autoctorium Donactianum* ou *Epimentrum*, também fornece algumas informações sobre o teatrólogo. Tem razão, porém, Ettore Paratore (1977, p. 111), ao afirmar que a leitura dessas fontes não elucida pontos obscuros da vida do poeta.

Acreditamos que o senador Terêncio Lucano tenha lhe dado seu nome e provavelmente o prenome, porque isto era comum na época. Quanto ao cognome, *Afer*, provavelmente foi incorporado ao seu nome porque era comum os escravos receberem o nome de sua pátria.

Terêncio teve uma educação requintada e conhecia bem o grego e o latim. Segundo Suetônio, deixou uma filha e uma propriedade na Via Ápia, o que não foi confirmado por outras fontes.

O poeta freqüentou a aristocracia romana, chegando a ser acusado de ter apresentado comédias escritas por seus amigos aristocratas. Terêncio negou o fato no Prólogo de **Os Irmãos** (vv. 15 e 21).

A obra de Terêncio

Com Terêncio, a *Palliata* (Comédia Nova Grega) atinge sua última fase, embora com Plauto já estivesse bastante transformada (CIRIBELLI, 1992, p. 48). A Comédia Nova punha em cena tipos comuns da vida cotidiana, o que fez com que se transformasse em uma comédia de costumes.

Terêncio modificou a *Palliata* a partir do Prólogo de **Os Irmãos**, transformando-a em uma comédia pedagógica.

Como Plauto, Terêncio também foi levado por interesses de ordem política e cultural e fez com que a ação cênica representada em suas comédias se desenrolasse na Grécia. Não imitou servilmente o teatro grego, nem usou simples traduções dos seus representantes; apenas serviu-se do processo literário denominado *contaminatio*, no qual se fundiam duas ou mais peças numa só (CIRIBELLI, 1995, p. 57).

Terêncio escreveu seis peças que se acreditava terem seguido a seguinte ordem: **Andria** em 166, **Heautontimorumenos** em 163, **Eunuchos**

e **Phormio** em 161 e **Adelfos e Hecyra** em 160¹ (o que não foi confirmado pelos especialistas).

Neste texto, apenas analisaremos **Os Irmãos**, uma de suas últimas peças. Esta comédia foi representada em 160, e nela predomina a seriedade em meio a muitas situações burlescas (FREIRE, 1986, p. 233). Apesar de ser uma comédia, **Os Irmãos** não transmite apenas a vontade de rir, mas também muitas vezes mensagens tristes e comoventes. Segundo J. Viana, em **Humanismo Latino**: “Os personagens de Terêncio mais choram do que riem, mais moralizam que corrompem”.

Os Irmãos

É importante ressaltar que as personagens de **Os Irmãos** confirmam o pouco que sabemos sobre a educação esmerada de Terêncio e o seu conhecimento do grego e do latim.

O seu objetivo foi tratar da educação da juventude. O autor metaforicamente faz uma antítese por meio dos irmãos Micião e Démea do conflito que dividia os romanos do seu tempo, conflito entre uma educação tradicional e camponesa e uma educação cidadina de inspiração helênica.

Os referidos irmãos viviam em ambientes diferentes e tinham conceitos de vida completamente diversos. Démea morava no campo e dedicava-se ao trabalho de suas propriedades, enquanto o irmão Micião “vivia a boa vida” da cidade.

Démea tinha dois filhos: Ésquino e Ctesifião, enquanto seu irmão Micião era solteiro. Micião adotou Ésquino como filho e passou a educá-lo com extrema tolerância, permitindo-lhe tudo fazer e alimentando seus caprichos. Démea, ao contrário, educou com pulso de ferro Ctesifião, de forma autoritária, obrigando-o mesmo a trabalhar em suas terras.

Um rápido resumo do enredo de **Os Irmãos** facilitará nossas considerações sobre o autor e sua obra.

Ésquino, considerado um estróina, entra na casa de um mercador de escravos e rapta uma delas, Báquis (uma cortesã). Démea, que é o pai biológico de Ésquino, critica o rapto e a forma com que seu irmão Micião educa o rapaz.

DÉMEA: – Uma porta que ele arreventou! ...uma casa que invadiu... a criadagem em que bateu... o roubo de uma fulana com quem andava de amores... grande vergonha, Ésquino está na boca de todos.

Démea, ao criticar Micião, cita seu filho Ctesifião como um exemplo, por estar sempre empenhado nos interesses da casa e por viver em poupança. Acusa o irmão Micião de estar estragando Ésquino com sua benevolência.

Na verdade, o que aconteceu foi que Ésquino raptou a moça para o seu irmão Ctesifião, que lhe pedira para fazê-lo, pois não tinha coragem de assumir seu amor por Báquis, por medo do pai.

CTESIFIÃO: – Ó meu irmão, ó meu irmão, como devo lhe agradecer agora? ... tenho certeza que por mais magníficas que sejam minhas palavras, os seus méritos serão sempre superiores. Possuo o privilégio de ter um irmão que ninguém excede mais em qualidade.

Terêncio, em **Os Irmãos**, narra ao mesmo tempo uma outra história que apresentaremos a seguir.

Ésquino, filho de Micião, havia violado Pânfila, cidadã ateniense pobre, e com quem tinha se comprometido a casar. O rapaz não tinha, porém, a intenção de fazê-lo. Pânfila já aparece na peça grávida, prestes a ter um filho. A família da moça não acredita na promessa de casamento de Ésquino, principalmente por ter ele raptado Báquis.

A mãe de Pânfila, Sostrata, lamenta o ocorrido, desespera-se e manda o escravo Geta procurar o velho Hegião, parente da família, para pedir-lhe ajuda.

SOSTRATA: – Em pior situação não podemos ficar. Em primeiro lugar, a moça não tem dote. Depois, a flor que seria seu segundo dote, perdeu-a. Não pode ser dada em casamento.

HEGIÃO: – Com tal procedimento [Ésquino] não se mostrou digno de teu pai.

GETA: – Em ti, Hegião, repousam todas nossas esperanças.

Embora os escravos lhe peçam que nada faça contra Ésquino, Sostrata exige uma reparação para a filha Pânfila, que havia sido desonrada.

O velho Hegião, como seu emissário, conversa com Démea e Micião, exigindo justiça para Pânfila e explica seus argumentos.

Ésquino, num monólogo repleto de agitação, lamenta a confusão em que está metido.

ÉSQUINO: – Sou um tormento vivo... acontece-me esta desgraça e eu não sei que decisão tomar. Sostrata acredita que foi para mim que raptei a citarista... não posso contar a história do meu irmão àquela mulher. Que vou fazer se eu próprio a raptei, paguei o dinheiro e levei-a para a minha casa... reconheço que tudo isto é culpa minha, por não ter revelado esta história à meu pai... teria obtido a graça de casar com Pânfila. Hesitei até agora de ir a elas me desculpar. Aproximo-me da porta, sinto arrepios, tenho de bater, pobre de mim...

A comédia continua... e, no final, são resolvidos todos os problemas.

Ésquino fica com a sua Pânfila, enquanto Démea o ajuda a convencer o solteirão Micião a casar-se com Sostrata. A comédia acaba bruscamente.

Os Irmãos gira em torno da diferença da educação dada pelos dois irmãos, Micião e Démea, aos seus filhos.

As interpretações dos diferentes autores sobre a comédia nem sempre coincidem. Orazio Bianco considera **Os Irmãos** um drama pedagógico, em que Terêncio deseja demonstrar a superioridade da educação que Micião deu a Ésquino sobre a de Démea a seu irmão Ctesifião (BIANCO, 1962, p. 179). Isidro Araújo não concorda com este ponto de vista e mostra que, sobre a capa de uma boa educação dada a Ésquino, ficam claros os erros cometidos por Micião. O excesso de bondade, afirma o autor, traz o ócio e a arrogância, o atrevimento e a falta de educação. Considera a educação que Démea deu ao filho que, à primeira vista, poderia parecer digna de admiração, como dura e tirânica, porque impedia o diálogo e infligia o medo ao filho (ARAÚJO, 1993, p. 64).

A educação na obra de Terêncio

É difícil a tarefa de educar quando desejamos formar homens livres e responsáveis. Os jovens amadurecem na medida em que vão ganhando alguma independência (autonomia), criando seu espaço de liberdade e de responsabilidade.

Educar é escutar o outro com atenção, respeitá-lo na sua individualidade, e mostrar-lhe que é sempre possível fazer mais, e melhor (MELO, 1994, p. 58).

Terêncio questionou, nesta comédia, a educação romana em uma época de crise e conseguiu fazê-lo de uma forma reflexiva. O comediógrafo queria uma sociedade mais verdadeira, mais livre, mais responsável, mais humana.

Ao longo da peça, analisa duas formas de educar a juventude, inseridas no ambiente familiar, dois pólos diferentes de educação, a educação tradicional e a educação nova.²

As personagens de Terêncio, tanto os pais quanto os filhos, refletem uma sociedade profundamente misógina (sociedade patriarcal), enquanto a dualidade de sua obra mostra a crise sociocultural pela qual Roma passava. De um lado, estavam os educadores que seguiam *o mos maiorum*, isto é, o costume dos ancestrais, e do outro, aqueles que assimilavam e que procuravam tudo o que havia de bom na cultura grega, como é o caso dos Cipiões que defendiam a complementação das duas culturas.

A comédia **Adelfos** pode causar surpresa porque Terêncio não seguiu nem as normas da educação tradicional, nem as do helenismo e deixou a conclusão sobre a eficiência das mesmas para o espectador.

Em **Os Irmãos**, Micião aparece como o pai benevolente que não dá limites ao filho e Démea como o pai duro e autoritário que infunde medo (Terêncio, nesta comédia, trata também do amor filial e fraternal). A família foi o grande foco da atenção do poeta.

Que sistema pedagógico propunha Terêncio?

Não há uma resposta definitiva para esta pergunta, mas o artista deixa o espectador concluir que o meio termo era o ideal na educação da juventude. Nem a excessiva liberdade concedida por Micião, nem a extrema se-

verdade de Démea. (Horácio também fala nas **Sátiras** sobre a necessidade de os educadores não caírem nos extremos).³

Apesar de nosso objetivo restringir-se à análise do pensamento do autor sobre a educação na comédia **Adelfos**, devemos lembrar que Terêncio, em outras peças, trata também do problema educacional, como no primeiro ato de **Andria** e na peça **Heautontimorumenos**.

Voltando à peça **Os Irmãos**, tudo gira em torno da *patria potesta*, exercida de modo despótico pelos pais. O autor deseja mostrar como é muito mais humana a educação fundamentada no diálogo, na compreensão e na aceitação do próximo. Critica o *pater Durus* por sua inflexibilidade alicerçada em sua pseudo-sabedoria e na sua experiência, por querer formar o filho a sua imagem e semelhança e por esperar dele uma obediência cega. Não há entre Démea e o filho nenhum diálogo. Por isto, Terêncio apresenta Démea como o verdadeiro exemplo de *pater Durus*. Contra essa forma de agir, Terêncio afirma: “O homem é um ser singular”.

Erram aqueles que pensam que Terêncio quis mostrar que a educação de Démea era superior à de Micião, erram também os que consideravam melhor a educação de Micião. Terêncio mostra-nos que este agia com benevolência apenas pela vontade de ser amado, o que estava de acordo com o critério utilitarista e pragmático do romano (PERELLI, 1976, p. 63).

O *pater benignus* é, por ele, caracterizado por sua grande magnitude e demasiada condescendência. O poeta acredita que deve haver uma atitude mais liberal na Educação, o que não implica o excesso de condescendência de Micião (MELO, 1994, p. 83-84).

Terêncio deixa claro que é impossível submeter um filho somente à vontade paterna, mas, sim, por convicção própria, e que não deve ter medo das pessoas que o cercam.

Terêncio em **Andria**: “Esta é a diferença entre um pai e um senhor” e ainda: “Quem não consegue fazer esta distinção, tem que reconhecer que é incapaz de educar seus filhos” (TERÊNCIO. **Andria**. vv. 74 e 77). A autoridade não se baseia na violência, mas, sim, na amizade. Pelo personagem Micião faz advertências aos filhos “que não devem enganar seus pais” e sim respeitar as normas sociais de convivência. Segundo Terêncio, a imagem de um pai excessivamente bondoso e perdulário “traz uma sensação de liberdade sem freio para os filhos” (MELO, 1994, p. 88).

A tese do meio termo, do equilíbrio e do diálogo da liberdade na educação foi em nosso entender o que Terêncio quis demonstrar, quando, por exemplo, Micião fez o filho Ésquino compreender que errou, ao violentar Pânfila. A mudança de conduta de Ésquino e o seu casamento com Pânfila levam-nos a pensar que Micião compreendeu ter sido também muito indulgente com o filho, daí ter consentido no seu casamento com a jovem Pânfila.

A originalidade de Terêncio

Qual das duas concepções sobre a educação romana era preferida por Terêncio? A educação liberal e helenizante dos Cipiões e de Paulo Emílio ou de Catão que afirmava que o helenismo corrompia a juventude?⁴

Terêncio não negava a *patria potesta*, a autoridade paterna, considerava o pai como verdadeiro educador da juventude. Afirmava, no entanto, ser possível haver uma relação (educativa) mais humana entre pais e filhos, baseada em um método mais liberal (PERELLI, 1976, p. 62).

Sendo a Família para Terêncio a célula fundamental da sociedade romana, era nela que desejava que se desenvolvessem suas idéias pedagógicas. Modificando a “mentalidade da família”, o poeta pensava que haveria uma revolução porque esta era o reflexo da organização política, civil e religiosa de Roma.

Apesar do teatro de Terêncio perpassar as grandes questões sociais, foi no aspecto pedagógico que mais se afirmou.

Foram muitas as influências recebidas pelo teatrólogo que estudou o amor, a solidariedade humana, a filantropia, a discriminação social entre ricos e pobres, entre homens livres e escravos, mas apesar das influências de Aristóteles, Menandro e Eurípides, não podemos negar sua originalidade.

Para Luciano Perelli, a primeira inovação pedagógica de **Os Irmãos** é o reconhecimento da singularidade humana; a segunda, é a afirmativa que a personalidade dos jovens deve se desenvolver em um clima de liberdade e compreensão. Foi por essa razão que condenou a pedagogia dogmática, fundamentada no exemplo alheio, sem respeito pela individualidade de cada um (PERELLI, 1976, p. 128). Só em liberdade o jovem mostra o que verdadeiramente é. (Esta afirmativa contraria a doutrina platônico-aristotélica sobre o castigo). Terêncio desejava liberdade na educação, para que os jovens pudessem ter uma maior responsabilidade pessoal.

Analisava o conflito existente entre pais e filhos em função da *patria potesta* e de individualidade dos filhos; por essa razão sugeria que houvesse sempre o diálogo entre eles. Só assim poderia haver uma compreensão mútua.

Terêncio não contestava a autoridade do *pater*; desejava, porém, que esta fosse reforçada pela amizade. Por não contestar a autoridade do *pater*, não se pode afirmar que defendesse a *auctoritas* do *paterfamilias*, o que desejava é que não se confundisse autoridade com autoritarismo.

A *auctoritas* era um conceito romano que não significava poder coercitivo (MELO, 1994, p. 129). Terêncio revelava o respeito para com a cultura romana, o que nada tem a ver com o sentido da palavra *auctoritas* como dogmatismo, poder repressivo; referia-se, ao contrário, ao seu sentido de saber, competência, equilíbrio, etc. É por essa razão que Terêncio é um grande defensor da humanização das relações.

Fica evidente na leitura de suas peças que Terêncio, sob o ponto de vista pedagógico, pretendia, a partir da família, que a sociedade romana se humanizasse (TERÊNCIO. *Heautontimorumenos*. v. 796). Dessa preocupação, emergia seu conceito de *Humanitas*, que diferia da *Paidéia*. Através da *Humanitas*, Terêncio pretendia devolver ao homem sua dignidade. Em *Os Irmãos*, este pensamento revela-se quando se refere, por exemplo, à bondade e ao sentimento da cortesã Báquis.

Para o teatrólogo, o respeito pelo ser humano é universal e não individual. Por isso, acredita na bondade mesmo para com os marginalizados: “Eles também têm sentimentos”, diz ele. Deseja como Horácio a dignificação do ser humano, tanto da mulher quanto dos homens, qualquer que seja a classe social a que pertençam.

Terêncio: “Nada que é humano, considero alheio a mim”.⁵ Neste momento, o poeta reconhece que os escravos e as meretrizes eram seres humanos e, portanto, mereciam ser tratados com dignidade.

Podemos ainda afirmar que o teatro de Terêncio é profundamente reflexivo, pois analisa a própria problemática da existência humana.

Por tudo que mencionamos, não é difícil entender sua compreensão para com os jovens, bem como para com seus problemas e seu direito à liberdade.

A grande contribuição de Terêncio à cultura romana foi “a humanização das relações entre os vários segmentos sociais” e o valor que concedeu à família.

A atualidade do pensamento terenciano

A educação da juventude sempre foi uma preocupação para os pais, para os educadores e para a sociedade em todas as épocas. Hoje, essa problemática continua a desafiar os educadores, psicólogos, psiquiatras, etc. É constante a divulgação pela mídia de histórias de pais que abandonam, maltratam e até matam seus filhos; de filhos que matam seus pais, seus avós, com uma estarrecedora frieza, o que mostra famílias completamente desagregadas e socialmente desajustadas.

Não estamos, é verdade, na Roma de Terêncio, mas, no século XXI, porém, a situação da educação da juventude continua a desafiar os estudiosos de todas as áreas do conhecimento.

Em Roma, a educação começava na família; era inculcada nos jovens as virtudes dos ancestrais, o que não acontecia em outros povos da Antiguidade, que tinham uma educação coletiva e recebida apenas nas escolas. A escola só iria aparecer em Roma no século II a.C.

Não devemos ignorar os problemas dos jovens (drogas, sexualidade, vícios, etc.) porque eles são a esperança do futuro da humanidade.

Talvez fosse interessante refletirmos sobre a família, ouvindo os conselhos de Terêncio: “É preciso dialogar com o jovem, apresentando-lhes os problemas de forma bem clara, compreensiva, e atualizada” (MELO, 1994, p. 141). Compreender o outro, dizia o poeta, é ajudá-lo a crescer pela liberdade. Só assim poderemos contribuir para a personalidade dos jovens. O processo de educar é um processo dinâmico, no qual o indivíduo amadurece e se socializa. Terêncio compreendia isto, e como humanista aceitava a tolerância, o pluralismo de idéias, a liberdade de opinião, ao propor uma liberdade responsável que, segundo ele, só poderia ser conseguida por meio da reflexão (MELO, 1994, p. 142).

Para Terêncio, cabia aos educadores o papel de criar uma relação de confiança com o jovem, respeitar sua liberdade e individualidade, ser tolerante, mas também saber limitar seus excessos. Terêncio: “O diálogo como

meio de compreensão e não de submissão” (MELO, 1994, p. 144). A pedagogia de Terêncio é essencialmente dialógica: “Só por meio de diálogo é possível educar”.

O teatro de Terêncio, como vimos, inquieta, convida-nos à reflexão e transmite uma mensagem de humanismo. Sua postura, profundamente humanística, leva-nos a pensar sobre a educação romana da juventude. O poeta traça as linhas mestras de uma revolução pedagógica baseada em uma maior humanização da sociedade e em uma mensagem de esperança para o jovem (relações familiares) porque dele depende o futuro da Humanidade.

Ao afirmar a primazia dos valores humanos, Terêncio acentuava a necessidade de uma educação familiar, deixando-nos antever que só com as mudanças na família romana seria possível transformar as relações familiares.

No Brasil, verificamos a enorme influência da educação romana em nossos pedagogos, embora muitos deles não tenham consciência da herança humanística em suas manifestações de oralidade ou em seus textos.

Alguns educadores brasileiros, de forma consciente ou não, como Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Paulo Freire (com sua ênfase no diálogo e na liberdade de ação), Rubens Paiva (com a necessidade de amor e compreensão nas relações humanas), Dermeval Saviani (com sua teoria crítica) revelam uma inquestionável influência das idéias greco-romanas quando propugnam uma sociedade dialógica e dialética e liberdade com responsabilidade.

Ninguém ignora que na atualidade há uma crise nas relações familiares entre os jovens, que pode, em grande parte, ser devida à superioridade que vem sendo concedida à cultura tecnológica e científica sobre a humanista.

É preciso, portanto, refletir e não ignorar a mensagem dos clássicos romanos como Terêncio e Horácio, que são os dois lídimos representantes da dignificação do ser humano.

Conclusão

Procuramos abandonar os preconceitos e as vaidades que caracterizam alguns pensadores da atualidade com suas posições dogmáticas; mergulhar como fizeram Molière, Shakespeare, Oscar Wilde e nosso Machado de Assis nas linhas mestras da revolução pedagógica implementada por Terêncio; reconhecer, em sua mensagem de humanismo, sua esperança no ser humano, na missão do educador, na crença no jovem e na dignificação humana.

Leiam Terêncio com o olhar que nos ensinou da tolerância, dialoguem com este grande “professor” e sintam que ele não foi um clássico só por sua cultura greco-romana, mas pela excelência e intemporalidade de sua obra no campo pedagógico.

Bibliografia

- ARAÚJO, I. **A mulher em Terêncio**. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1993.
- BIANCO, O. **Problemi e aspetti dell'originalità de Terencio**. Roma: Atenes, 1962.
- BOISSIER, G. **Les Prologues de Terence**. Paris: Mel. Graux, 1984.
- CIRIBELLI, M. C. **O primado do escravo no teatro de Plauto**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- CIRIBELLI, M. C. **O teatro romano e as comédias de Plauto**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1995.
- COMPAGNO, B. **Dottrina pedagogica e relativismo nell'epilogo Degli Adelfos**.
- FREIRE, A. **Humanismo Clássico**. Braga: Faculdade de Filosofia, 1986.
- FREIRE, G. **Valor e atualidade dos Estudos Clássicos**. Coimbra: Alexandrina, 1968.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- GIARDINA, A. **L'uomo romano**. Roma: Laterza, 1989.
- GRIMAL, P. **L'amour à Rome**. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

- GRIMAL, P. **Le théâtre à Rome**. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- MARROU, H.-I. **História da educação na Antiguidade**. São Paulo: Herder, 1966.
- MEDEIROS, W. de. **Os Dois Irmãos**. Coimbra: I. N. de I. C., 1998.
- MELO, A. M. **Idéias pedagógicas na comédia de Terêncio**. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1994.
- PARATORE, E. **História da literatura latina**. Lisboa: Gulbenkian, 1977.
- PARATORE, E. **Storia del teatro latino**. Milano: Vellardi, 1957.
- PERELLI, L. **Il teatro rivoluzionario di Terenzio**. Firenze: La Nova Italia, 1976.
- PEREIRA, H. da R. **Estudos da História da Cultura Clássica**. Lisboa: Gulbenkian, 1990.
- VIANA, J. J. **Humanismo latino**. Braga: Faculdade de Filosofia, 1994.

Notas

¹ Esta ordem vem sendo motivo de grandes controvérsias.

² Terêncio propõe em sua obra sempre dois pólos em oposição: educação antiga / educação nova, duplo enredo, desejo dos pais / desejo dos filhos (usava a antítese sob o ponto de vista estilístico).

³ HORÁCIO. Sátira, p. 106-107, *In medio stat virtus*. ⁴ Ver Carta de Catão ao seu filho Marcos: "(...) sua raça é péssima e incapaz de ter educação cuidadosa como os gregos."⁵ Agostinho (Ep. 155.15) afirma que Terêncio, ao escrever este verso, foi iluminado pela verdade divina.